Os Tapuias do Nordeste e a Monografia

— DE —

ELIAS HERCKMAN

Th. Pompeu Sobrinho

As mais antigas e autorizadas referencias aos indios *Cariris* ou mais geralmente aos *tapuias* nordestinos devemo-las aos ilustres cronistas Fernão Cardim e Gabriel Soares de Sousa. Ambos registaram informações colhidas entre os *tupís* da Baía. O primeiro, no seu interessante trabalho «Do Principio e Origem dos Indios do Brasil», publicado em 1625, em inglês (coleção Purchas) e escrito em 1854, apenas consigna pouco mais do que uma relação de nomes de nações de indios contrarias dos *Tupís* que «em nome geral se chamam *Tapuya*». Nesta lista de 76 nações (1) de *Tapuias*, gente brava, silvestre e indomita, é possivel descobrir algumas da grande familia *Cariri*, afora a que nomeia por este mesmo nome, aliás, *Cariu*, em Purchas. Parece que Cardim se refere aos *Cariris* quando diz que «somente certo genero de *Tapuyas* que vivem no rio São Francisco, e outros que vivem mais perto são amigos dos portuguêses, e lhes fazem grandes agazalhos quando passam por suas terras».

O segundo, no curioso «Tratado Descritivo do Brasil», escrito em 1587, estuda a vida e costumes dos *Tapuias*, porém de modo muito mais resumido e fantasioso do que fez a respeito dos *Tupinambás* com que

(1) Os cronistas antigos chamavam NAÇÃO a um certo numero de tribus aparentadas, falando o mesmo idioma, sensivelmente com os mesmos costumes e cultura geral.

convivia. Cita poucas nações, mas se alonga especialmente sobre os tapuias *Maracás* que julgamos pertencentes á familia *Cariri*.

Antes da invasão holandêsa, o conhecimento que em geral se tinha dos *Tapuias* e particularmente dos *Cariris* era através das suspeitas informações dos indios *Tupís*, seus inimigos. Entretanto, já se haviam vericado alguns contactos de missionarios e sobretudo de aventureiros com estes aborigenes. Relativamente ao Ceará, o que temos a respeito consta do relatorio do Padre Luis Figueira, a «Relação do Maranhão», escrita em 1608, descrevendo a sua malograda expedição ao Ceará, na companhia do Padre Francisco Pinto, então sacrificado na serra da Ibiapaba pelos tapuias *Tucarijús*. Refere-se o abnegado missionario aos *tapuias* que habitavam a serra e as circunvizinhanças desta, pelo lado do Maranhão e pelo lado do Ceará,

Outro missionario e cronista dos indios, o padre Ivo d'Evreux, proporciona bons informes dos tapuias *Tremembés*, «moradores além da montanha do Camussy e nas planicies de areia da banda do rio Tury», no Maranhão onde assistia o sacerdote francês.

Em 1611, Soares Moreno, na sua «Relação do Ceará», menciona tres castas de tapuyas com que privava e diz que em 70 leguas de circuito (estava no Ceará) existiam 22 nações, porém, nada esclarece quanto aos costumes destes americolas. Do mesmo mal se argue a quasi totalidade dos documentos coevos que se referem aos *Cariris* ou em geral aos *tapuias*,

Durante a guerra holandêsa, a imperiosa necessidade de penetrar os sertões chegados á costa importou num contacto mais direto com os habitantes da região e, consequentemente, adquiriu-se melhor conhecimento desse povo. Por sua vez, os invasores flamengos, muito mais interessados do que os portuguêses e mamelucos de então em prescutar as cousas do Brasil que conquistavam, observavam melhor e mais atentamente a natureza e as gentes da terra registando com grande minucia as suas proprias aventuras. Daí o devermos a estes estrangeiros uma boa cópia de documentos preciosos que muito nos instruem sobre a cultura dos habitantes indigenas do

Nordeste. Dentre tais documentos avulta pela abundancia de detalhes e fidelidade dos informes a memoria de Elias Herckman, sobre a Paraíba. Este trabalho, escrito em 1639, no Recife, e publicado na Cronica do Instituto de Utrech, foi depois traduzido pelo nosso esforçado historiografo o Dr. José Higino que o fez inserir na revista do «Instituto Archelogico e Geografico Pernambucano», em 1886, donde o trasladamos para as paginas dos nossos anais. Depois de escrita a sua noticia, o cronista teve oportunidade de conhecer melhor a capitania da Paraíba, visto como empreendeu uma viagem ao interior, chegando até o local onde atualmente existe a cidade de Areias. Nessa excursão, que revela quanto o sertão era ainda desconhecido descobriu Herckman nas margens do rio Paraíba petroglifos interessantes. Ainda depois, o cronista neerlandez de 1636 a 1644, governou a Paraíba, sendo substituido pelo seu compatriota Gibert de Wilth.

Além de Elias Herckman deixaram noticias apreciaveis dos habitantes *tapuias* dos nossos sertões os flamengos Jacó Raabí, Macgrav, Barlaeus, Zacharias Wagner, Roulox Baro cujo verdadeiro nome era Rudolph Barau, e outros.

Este ultimo não passava de ousado aventureiro que, á procura de ouro, viajou pelo interior dos dominios holandêses, no Brasil.

Os flamengos atraíram os *tapuias*, sobretudo os *Cariris* dos seus agrestes sertões e os fizeram seus aliados na guerra. Chefes de tribus desciam do interior com os seus guerreiros e armas para combaterem intrepidamente ao lado dos soldados da Holanda contra os brasileiros e seus aliados.

Depois da defecção flamenga, em 1654, começaram a aparecer algumas noticias dos *Cariris*, de origem nacional. Aí pelo meio do seculo (XVII), o jesuita João de Barros, segundo Lourenzo Hervás, fundou as aldeias de Cana-Brava (Pombal), Natuba (Soure) e Sacos dos Morcegos (Mirandela) na bacia do rio Itapicurú, da Baía.

A penetração dos sertões tornou-se mais ativa; aventureiros ousados, á procura de terras para criar gados ou á procura de escravos indios, devassaram a bacia do São Francisco de onde passaram á do

rio Parnaíba, do Piauí, á do rio Itapicurú, do Maranhão e á do rio Piranhas, na Paraíba. Fundaram-se varias missões ao longo do rio São Francisco, assistidas por capuchinhos francêses enviados ao Brasil em 1656, por D. João IV. Cêrca de 30 anos depois, de Juaseiro para baixo já se contavam as missões *Oracapa*, *Cavalo*, *Pambú*, *Amariús*, *Rodelas e Packim*. Mais tarde ainda outras foram instaladas, como a de N. S. dos Remedios, Pilar, N. S. da Piedade, S. Antonio, S. Felix, etc.

Entrementes, do litoral da Paraiba tambem as bandeiras demandavam os sertões, depois de galgarem a serra da Borburema. Duas entradas foram levadas a efeito por Teodosio de Oliveira Lêdo que alcançou o alto Piranhas, já então devastado pela bandeira do paulista Domingos Jorge Velho. Na sua segunda entrada, Lêdo fundou um arraial no alto Piranhas (1699). Anteriormente, porém, já havia estabelecido a primeira aldeia *cariri* na Paraíba (1670), na margem esquerda do rio deste nome, perto do lugar Boqueirão, confiada aos cuidados do frade francês Teodoro de Lucé que para tal se oferecera. Logo depois, com indios que fizera descer do sertão mais distante, fundou a missão de Campina Grande, sobre a serra da Borburema, em territorio dominado pelos indios *Cariris*.

Certamente, os indigenas acossados no Piancó e no alto Piranhas, pelas bandeiras preadoras de Jorge Velho e de Lêdo refluiram principalmente para o norte, superpopulando os sertões do rio Salgado e o vale do Cariri, no Ceará; para o poente, os campos piauienses tinham sofrido as incursões devastadoras dos paulistas. O Mafrense, já então ali havia obtido (1676) 40 leguas de terras por sesmaria e se estabelecera com fazendas de gado no lugar Quebrobó (Oeiras), bacia do rio Canindé, afluente do Parnaíba.

Por sua vez; do litoral do Rio Grande do Norte e do Ceará, que se tornara assás conhecido e perlustrado desde o começo do seculo, partiram colonos para o interior, em busca de terras de criar que requeriam aos administradores das respectivas capitanias. Estas entradas atingiram o Maranhão, através do Piauí.

Em 1683, Bento Macedo de Faria propõe a colonização do interior do Rio Grande, atacando-se os indios bravos (tapuias) e fazendo-os converter por meio de missionarios. Foi o inicio da colonização nessa região, que desde então prosseguiu pelos vales rio acima, desalojando a ferro e a fogo os *tapuias* das suas melhores terras. Como era natural, muitos conflitos ensanguentaram as ferteis varzeas dos rios Assú, Apodí e Jaguaribe. Os indios, apesar da inferioridade das suas armas, reagiam vigorosamente contra os usurpadores, donde a intervenção da administração, decretando e promovendo guerras de exterminio.

O certo é que antes de findar a primeira metade do XVIII seculo já o territorio habitado pelos *Cariris*, tapuias por excelencia do Nordeste, estava devassado e em grande parte colonizado pelos brancos e mamelucos. Pervagavam poucas e pobres tribus pelos sertões mais distantes, conservando a pureza da raça; quanto ao mais, os *tapuias* que escapavam ao trabuco devastador dos novos ocupantes da terra caldeavam o seu sangue com imigrantes brancos, tupis, negros, mulatos e mamelucos, nas fazendas a que se acostavam e defendiam mediante miseravel compensação ou nas aldeias pacificas dos padres que os defendiam da insaciavel ambição dos colonos. Um certo numero, porém, fugia dos seus velhos dominios para os campos e as matas distantes onde, não encontrando o invasor, ia, entretanto, sofrer a repulsa e a guerra de outros americolas com que se não podiam fundir.

Resulta desse processo de eliminação dos indigenas que o sangue *tapuia*, mais do que o sangue *tupi*, circula no organismo dos atuais nordestinos.

Eram os aborigenes que falavam lingua travada mais numerosos e muito mais radicados ao solo do Nordeste do que os *tupís*; deles pouco se serviram os portuguêses como aliados nas lutas mortiferas contra os holandêses e francêses ou contra outras tribus rebeladas, em que se empregavam de preferencia e em grande numero os indios da lingua geral, gente de indole mais guerreira e agressiva, invasores da região, que apenas haviam de pouco precedido aos lusitanos.

Os *tapuias*, ao contrario, ocupavam a quasi totalidade do territorio dos atuais estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, e enormes áreas de Alagoas, Sergipe e Baía, que apenas defendiam contra a usurpação dos *tupís* e dos brancos. Como eram menos belicosos do que os seus contrarios, deviam ser mais acomodaticios, como aliás deram exuberantes provas, em todo o Nordeste, e se póde depreender dos escritos de um catequista notavel o Pe. francês Martins de Nantes que, durante algumas decadas, conviveu com os *cariris* do rio São Francisco.

Mas, o conhecimento que possuimos dessa gente provém ainda de outras fontes. Uma das mais importantes consta do estudo da lingua dos *Kipéas*, feito pelo paciente missionario italiano Luís Vincencio Mamiani que nos legou uma gramatica e tambem um notavel «Cathecismo da Doutrina Christã na Lingua Brazilica da Nação Kiriri», obra rarissima que a biblioteca Nacional possuia, pelo menos até 1903, quando a consultámos algumas vezes. Igualmente, digno de nota é o «Cathecismo da Lingua Kariri» composto pelo R. P. Fr. Bernardo de Nantes, publicado em 1709, depois daquele, cuja edição unica é de 1698. Bernardo de Nantes catequizou os *Dzubukuas*, das margens do rio São Francisco; precedeu-o neste afan outro clerigo francês, da mesma estirpe, o ilustre missionario Martins de Nantes, chegado ao Brasil em 1671 onde ficou até 1678. Este catequista, que teve de lutar tenazmente contra os poderosos senhores da Casa da Torre em defesa dos seus indios, escreveu a celebre «Relation succinte et sincere de la Mission du Pe. Martin de Nantes», em que dá interessantes noticias a respeito dos indios *Cariris*, com que assistira longos anos. Tambem, nesse tempo, se cuidava da catequese dos *Cariris* da serra da Borburema, na Paraíba, onde missionava outro padre francês tambem versado na lingua dos *tapuias*, Teodoro de Lucê.

Embora brevissima não se deve omitir aqui a referencia que, sobre os *tapuias* de Pernambuco, se lê no «Dialogo das Grandezas do Brasil», escrito em 1618.

Relativamente aos *tapuias* da zona norte, Ibiapaba, Piauí, e Maranhão, as mais estimadas noticias que temos são oriundas dos missionarios do «Estado do Maranhão», dentre as quais sobreleva a todas a «Cronica da Companhia de Jesus», escrita pelo jesuita luxemburguês João Felipe Betendorf, que logrou por duas vezes ser o superior das Missões (de 1669 a 1674 e de 1690 a 1693). Pouco adiantam os informes de Vieira que privou tambem com os indigenas.

Sobre o assunto ainda se póde consultar com algum proveito os documentos publicados em varios numeros da coleção das revistas do «Instituto Arquelogico e Geografico Pernambucano» e especialmente os da coleção das revistas do «Instituto do Ceará». Util tambem é perlustrar as paginas dos registos de sesmarias do Ceará, da Paraiba, Rio Grande e Pernambuco.

A documentação mais recente é escassa e de pouco proveito, com excepção das *Beitraege* de Martius (1867) que foi o primeiro a tentar uma delimitação do habitat dos *Cariris*. De outros viajantes e exploradores estrangeiros e nacionais, que percorreram o Nordeste na ultima metade do seculo passado e começo deste, quasi nada ha que aproveitar quanto aos costumes e á vida dos antigos habitantes destas paragens.

A MONOGRAFIA DE ELIAS HERCKMAN SOBRE OS COSTUMES DOS TAPUIAS—1639.—RECIFE.

Era o cronista neerlandez um espirito curioso e observador, porém como quasi toda a gente do seu tempo, se ressentia profundamente da educação mistico-religiosa, residuos ainda muito vivazes da intolerancia do processo religioso, dominante na Idade Média, em toda a Europa Ocidental. Isso explica a inexata compreensão de alguns fatos, a deformação palpavel na exposição de outros, o exagêro e a fantasia que algumas vezes atingem e até ultrapassam os limites do verosimil. Contudo, a maioria das observações são justas e de muito valor sob o aspeto etnografico e historico. Pode-se ter uma idéa bastante certa da veracidade de muitos acontecimentos da narrativa e

dar a muitos proporções razoaveis comparando-os com a exposição dos mesmos acontecimentos feita por outros cronistas coévos. Isto e uma analise critica do documento permitem tirar dele farta messe de conhecimentos utilissimos relativos á vida e á cultura dos *tapuias* nordestinos.

Em seguida, comentaremos sumariamente os fatos principais descritos ou referidos pelo autor, comparando-os com identicos fatos descritos por outros observadores, tendo, além disto, em vista o contexto logico e consequente dos acontecimentos em si, atentando sobre os fenomenos de que em parte provieram e sobre os que deles derivaram. E' uma primeira tentativa que deve ser seguida de outras que tragam correções e completem a análise. Embora pouco pratico, servimo-nos de notas subpaginares com chamadas no texto que deste modo se transcreve correntemente, de acôrdo com a excelente tradução do ilustre Dr. José Higino.

COSTUMES DOS TAPUIAS

Habitam para o ocidente sobre montes (2).

Dividem-se em varias nações. Alguns habitam transversalmente a Pernambuco, são os CARIRYS

---

(2) A delimitação do habitat dos «tapuias» é incompleta e vaga. A indicação para o ocidente, naturalmente, do litoral de Pernambuco ou da Paraiba, onde assistia o autor, deixa claro que esses montes eram a serra da Borburema. Mas não apenas sobre montes viviam os «tapuias» a que alude. Adiante, Herckman anota que, quando os estios eram sêcos e faltava bastante alimento, eles desciam das suas terras, áridas e rochosas, onde abundavam insetos e cobras venenosas, para «as fronteiras inferiores do Brasil». Depreende-se daí que a região era assolada pelas secas e que os indios, quando sobrevinha o flagelo, emigravam para o litoral; entretanto, os «tapuias» diziam que sua região era cortada por grandes rios, embora rochosa e mal provida de mantimentos sem grandes animais (anta, veado, etc.), de escassas aguadas, tanto que «ás vezes lhes sucedia (aos indios informantes) viajarem 2 e 3 dias sem encontrarem agua, a não ser a que procede do orvalho da manhã e se junta nos cantos e recantos das pedras». Vê-se que os «Cariris» habitavam tambem o sertão, e terras áridas e arenosas, muito permeaveis, taís os taboleiros que ficam além das praias ou as chapadas de arenito do interior. Parece que o autor, tratando especialmente dos «Janduins», se refere sobretudo aos taboleiros arenosos do Rio Grande do Norte. Isto é tanto mais provavel quanto è certo que os indios desciam facil e anualmente às praias, por ocasião da safra dos cajús. Aqui no Ceará, este fato ainda se colhe da tradição popular. As expressões registadas relativamente ao habitat dos «Cariris» da Borburema e «Carirìwasys» Carirìwasús, cariris grandes, do Ceará: «transversalmente a Pernambuco» e «um pouco mais longe» mostram que tais incolas viviam não só sobre aqueles montes como tambem nos sertões transerranos, do Rio São Francisco para o Norte. Barlaeus estende o habitat dos «Janduins» ao Ceará e mesmo alèm, até o Maranhão. As nossas pesquisas neste sentido mostraram que os «Cariris» dominavam do rio Paraguassú, na Baia, ao rio Itapicurú, no Maranhão. O padre Luis Figueira refere-se aos tapuias «Cararijús» que habitavam alèm da serra da Ibiapaba.

cujo rei se chama KERIOUKEIOU. Outra nação reside um pouco mais longe, é a dos CARIRIWASYS e o seu rei é KURUPOTO. Ha uma terceira nação, cujos indios se chamam CARERYJOUWS Conhecemos particularmente a nação TARAIRYOU; JANDUWY é o rei de uma parte dela e CARACARÁ da outra (3).

---

(3) Herckman divide os «tapùias» em varias nações de que cita apenas as quatro seguintes: CARIRYS ou «Cariris», CARIRIWASYS os «Caririwasús», CARERYJOUWS ou talvez «Cárarijûs» ou «Carirîûs» e, finalmente, a dos TARAIRYOU ou «Tarairús». Esta ultima, parece, constituîu o objeto especial das suas observações; constava de duas partes ou subnações respectivamente sob a direção dos chefes JANDUWY e CARACARÁ. E' curioso observar aqui a segmentação de uma nação em duas outras, tendo posteriormeute destinos diversos; ambas conhecidas pela denominação tupí dos seus chefes. Parece mais provavel que a segmentação tenha sido em tres hordas, inclusivé o tronco originario (Taráirû) que continuou independente. Este fato de observação permite explicar em parte o numero consideravel de nomes tribais que os cronistas e os livros de sesmarias registaram. Dizemos em parte porque tambem concorriam para o aumento da lista as diferentes maneíras de grafar uma mesma palavra indìgena.

A nação nova, em geral, tomava o nome do chefe que a conduzia no momento da separação e somente diferia da que lhe dera origem pelo numero de homens ou de familias componentes, sendo de crer que esta ultima comportava mais elementos. Lingua, costumes, cultura, tudo era comum a principio e de certo durante muito tempo. O afastamento de um ramo para longe, para meio diverso, pelo contacto com outras culturas e sob a contingencia de certas particularidades no modo de vida trazia naturalmente diferenciações faceis de explicar, sobretudo notaveis no dominio do lexico. Mesmo entre os «Cariris» temos um exemplo sugestivo. Os «Kipéas» da bacia do Itapicurù na Baia falavam um dialeto evidentemente irmão do que servia aos «Dzubukúas» da margem do rio S. Francisco. «Os Kariris do rio de S. Francisco no Brasil, chamados Dzubucuá, que são estes, cuja lingua é tão diferente da dos Kariris chamados Kippea, que são os para que se compoz outro Katecismo, como a lingua Portugueza o he da Castelhana, quer pela distancia das paragens entre estas duas nações, que he de cento e tantas legoas, quer pela diversidade das cousas, que cada terra cria, como são plantas, arvores, animais, passaros, peixes que pela maior parte são diferentes no ser, e pelo conseguinte no nome;» (B. de Nantes). A diferença cultural podia algumas vezes tornar-se sensivel mercê da diversidade de meio e principalmente mercê da vizinhança de hordas de outras familias de cultura mais adiantada. Eis por que algumas tribus «Caríris» praticavam a agricultura ao passo que outras não o faziam.

Um caso concreto e historico confirma a segmentação das nações indigenas, como vimos de referir. Em 1739, os indios «Genipapos» pediram ao governador de Pernambuco missionario que os aldeiasse e lhes assistisse. Esta autoridade providenciou, ordenando que estes indios fossem aldeiados juntamente com os indios «Canindés», no lugar Banabuiû, hoje barra do Sitià, no Ceará. A razão alegada para isto foi o fato de serem as duas nações da mesma lingua e parantas.

Torna-se interessante observar que, sendo os «Canindés» um ramo da nação «Tarariú», como nos informa Herckman, os «Genipapos» devem ser tambem da mesma familia, isto é, da mesma origem.

Os «Tarariús», por sua vez, provavelmente já teriam derivado de outra nação que ainda não conhecemos. Talvez da dos «Cariris» como a taponimia, que uns e outros nos legaram, deixa supôr.

A enorme nomenclatura com que designavam os cronistas as tribus «tapuias» traz serios embaraços ao estudo dos primitivos habitantes do Nordeste; provém, como referimos: em primeiro lugar, da segmentação das tribus desenvolvidas, fato natural, porquanto, nas condições precarias da vida selvagem, seria muito mais facil a conservação de grupos pequenos do que a de grandes agregados que se locomovem com maior dificuldade. As exigencias dos grupos sociais deviam ser mais imperiosas no Nordeste do que alhures por causa das condições climicas da região. De fato, as sêcas frequentes, estiolando a vegetação, afugentando a caça, secando as fontes, calcinando os campos obrigavam os indios a mudança de pouso, a viagens mais ou menos consideraveis em busca da subsistencia. Em segundo lugar, indicamos a maneira desòrdenada com que se davam

As terras destas se acham ao ocidente do Rio Grande e Cunhaú.

Não têm lugares certos ou aldeias onde morem; vagueiam, ora demorando-se em um sitio ora noutro. Na estação do cajú, que é em novembro, dezembro e janeiro descem ás praias, porquanto pouco ou nenhum cajú se encontra muito para o interior.

Assim, regulam-se pelas estações do ano para procurarem o seu alimento.

Este povo de Tapuyas é robusto e de grande estatura, os seus ossos são grossos e fortes, a cabeça grande e espessa, a sua côr natural é atrigueirada, o cabelo é preto (4) e de ordinario o trazem pendente sobre o pescoço, mas por diante até acima das orelhas cortam-no igualmente, o que faz parecer que trazem um boné sobre a cabeça (5). Contudo alguns deixam cortar o cabelo ao modo dos da nossa nação. Têm cabelo mui grosso e aspero.

---

nomes ás tribus. De certo, cada uma delas tinha uma denominação propria, dada a si mesma; mas, em geral, tambem possuia outros nomes, apelidos aplicados pelas tribus vizinhas em vista de algum uso ou costume insólito que a caracterizava. Além disto, como frizámos, ressaltam as diversas maneiras de grafar um mesmo nome pelos invasores pouco afeitos ás letras. Isto durante o periodo colonial, mas, mesmo depois, viajantes e exploradores, naturalistas e sabios de nacionalidades diferentes continuaram a escrever diversamente um mesmo nome de tribu, complicando consideravelmente a caótica nomenclatura dos povos americanos.

Para se fazer uma idéa aproximada desse estado de cousas basta que se saiba que, no Amazonas, uma tribu do rio Branco tem 22 nomes: «Banhuna», «Bauna», «Bauhunâ», «Baeuna», «Baeeuna», «Baiana», «Bayana», «Bayanai», «Bayaná», «Baianai», «Bayanahy», «Payana», «Poyana», «Poiana», «Pajanã», «Paxiana», «Pauchiana», «Panixaná», «Paguana», «Pueiána», «Puílanda», «Puclava», (Missões Salestanas). Em vista do que vimos de apontar não ha que admirar tenha uma nossa tribu «tapuia» sido crismada pelos nomes seguintes: «Paiacú», «Balcú», «Baacú», «Pacajú», «Pajacú», «Paacú», «Baiquis» e «Baquaes».

---

(4) Os dados somaticos que o autor nos fornece são dignos de atenção. Eram os «tapuias» nordestinos «robustos» e de «grande estatura, ossatura forte e grossa, cabeça grande e espessa», isto é, «chata, côr atrigueirada, cabelo preto, mui grosso e aspero», aliáis como o de qualquer amerindio. «As mulheres são indistintamente pequenas e mais baixas de estatura do que os homens» porèm têm a pele da mesma côr. Estes elementos foram confirmados por outros cronistas, Zacarias Wagner, referindo-se aos homens tapuias que desenhou á vista do modêlo natural, diz: são extraordinariamente altos, fortes e corpolentos, de pele bruna, cabelos longos e negros. As mulheres são grossas e gordas. Barlaeus por sua vez escreve: homines vasto corpore, deformi vulto, prolixo capillitio. Tratando dos tapuias «Tremembés», «moradores além da montanha de «Camussy», diz frei Ivo d'Evreux, ilustre missionario francês do Maranhão, que estes indios eram tão robustos a ponto de segurarem pelo braço um dos seus inimigos e atirarem-no ao chão, como se fosse um capão. A notavel fortaleza fisica destes amerincolas ainda se póde depreender dos seguintes dizeres de Herckman: «todos sem distinção são mui fortes no correr, venceriam um cavalo». Noutro topico, acrescenta que eles lançavam a azagaia com tal dextreza e fôrça que não encontrando osso atravessava o corpo de um homem nú.

---

(5) Este modo de uzar o córte do cabelo assemelha-se ao dos «Gês».

Andam inteiramente nús, exceto em algumas festas ou quando vão á guerra, então geralmente cobrem o corpo de penas de arara, papagaio e periquito que entre eles são mui formosos.

Puxam a pele sobre o membro viril, e o prendem com um atilho, de modo que fique todo metido no corpo. Esse liame é a folha de figueira com que encobrem as suas vergonhas, e soltando-se, ou rompendo-se, é isso tão escandaloso para eles quanto seria entre nós descobrir alguem as suas partes pudendas (6).

Não uzam barba nem trazem cabelo em alguma parte do corpo. Tanto que algum cabelo começa a aparecer, logo arrancam, e assim impedem o seu ulterior crescimento (7).

São homens incultos e ignorantes, sem nenhum conhecimento do verdadeiro Deus ou dos seus preceitos; servem, pelo contrario, o diabo ou qualquer espirito mau, como tratando com eles temos muitas vezes observado. Para este fim têm os seus feiticeiros que são tidos em grande consideração. Quando saem a guerrear contra os seus inimigos e querem saber como lhes sucederá a empresa, ou quando se acham longe dos seus amigos e desejam saber como eles passam ou quem será morto ou não, esses tais feiticeiros sabem varios modos de fazer vir o espirito ter com eles debaixo da fórma que desejam, mas geralmente com a sua propria figura como se fôra tambem um tapuya. Deixam-no tambem percorrer o seu corpo sob a fórma de uma mosca ou de outro animalzinho para lhe predizer cousas futuras que desejam saber e com toda a esperança se fiam das palavras que o espirito lhes diz.

---

(6) A indumentaria descrita pelo autor é a mesma figurada por Wagner. De ordinario, reduzida a zero nos homens; coustante de um simples avental de folhas verdes, nas mulheres. Este avental de folhas verdes, que o pintor Wagner achava belo, desperta certa curiosidade. Talvez fosse usado somente em presença dos estrangeiros brancos.

O habito de ocultar o penis com a pele dos testiculos, sustendo-a com um atilho á cintura é confirmado por outros observadores. Prática ãnaloga ainda hoje è corrente em certas tribus «Gês», como entre os «Caingangs» de Santa Catarina (Simões da Silva, 1930). Estes indigenas suspendem o penis e pela sua extremidade o mantêm preso ao ventre com o auxilio de uma cinta de cordinhas de samambaia. Nestas condições, os bugres, nossos contemporaneos, como outrora os tapuias do Nordeste, se julgam perfeitamente decentes e apresentaveis na sociedade dos brancos.

---

(7) O costume de depilar o corpo é extensivo a outras familias indigenas do Brasil.

Quando os soldados ao serviço da Companhia foram conquistar a barra do Cunhaú, auxiliados pelos tapuyas do rei JAN DUWY, varios capitães neerlandezes viram e testemunharam que eles faziam vir á sua presença o diabo sob a figura de um tapuya, mas tendo uma perna somente e falando com voz muito fina, como de mulher, e não podia, aliás, ser conhecido por eles. Quando o espirito desapareceu ou esvaneceu-se ante os seus olhos, começaram todas as mulheres a chorar e a gritar, com o que pareciam honrá-lo; porquanto, quando querem dar sináis de alegria ou de contentamento, o fazem por meio de pranto e berreiro das mulheres (8).

Esta nação é muito submissa ao seu chefe e inteiramente obediente ás suas ordens, sobretudo quando saem com ele a combater o inimigo; então o rei deve ir adeante e tem grande autoridade, mas quando se acham em casa ou longe do inimigo, não é tão honrado.

---

(8) Problema dificil é abordar com probabilidades de êxito e espirito cientifico a religião dos «Cariris». As informações que os cronistas nos deixaram são suspeitissimas e sobretudo fantasiosas. A fé ardente que os empolgava e gerava uma ferrenha intolerancia, vestigios ainda vividos do fanatismo medieval, não permitia ao observador, geralmente sacerdote cristão, serenidade bastante para que visse e colhesse os fatos religiosos tais quais se desenrolavam em sua presença. Os seus registos, neste assunto, deformam de tal maneira a verdade que os tornam quasi imprestaveis. Para obtermos noções mais ou menos uteis preciso é que se estude a questão indiretamente, através de informações que os seus autores julgavam perfeitamente isentas de qualquer cunho religioso, mas, onde, todavia, deixavam transparecer certos fatos caraterísticos.

Curiosissimo, embora inverosimil, è o episodio relatado por Herckman, assistido e testemunhado por varios capitães neerlandezes quando foram, com a ajuda dos tapuias «Janduins, conquistar a barra do Cunhaú. Viram estes capitães que os sacerdotes dos indios faziam vir á sua presença o «diabo» sob a figura de um tapuia, mas, tendo somente uma perna. Outro caracteristico dessa personagem fantastica era voz fina como de mulher.

Acreditavam os holandesês, segundo o autor. que os "feiticeiros" tapuias invocavam os espiritos dos mortos, fazendo-os vir á sua presença, debaixo da fórma que desejavam, geralmente a sua' propria figura ou sob a fórma de um inseto ou de outro animalzinho. Estes espiritos submissos respondem ás consultas feitas sobre acontecimentos distantes ou futuros!

Vê-se que os nossos avós indios eram espiritistas quasi tão aperfeiçoados quanto os modernos invocadores de almas.

Desperta a atenção esse "diabo" dos "Janduins" que apenas possuia uma unica perna como o "Saci" ou "Saci pererê" da mitologia tupi, duende que ainda hoje, representa papel importante nas lendas domesticas de certas regiões brasileiras. Convém observar que a unica semelhança entre os dois seres fabulosos está na caraterização andromorfica. Contudo, no mito tapuia a voz deste "diabo", que não era de apoucada estatura, parecia fina aos flamengos, o que denotava certa tendencia diminutiva. Porventura teriam os tupis ajustado á sua mitologia essa figura primitivamente tapuia? O autor que parecia tão largamente informado da vida e costumes dos nossos selvagens não nos legou indicações de valia sobra a teogonia tapuia.

Entretanto, o estudo de outras fontes deixa patente a existencia de uma copiosa relação de fatos religiosos e de muitas entidades misticas entre os "Cariris", assunto que será objeto de trabalho especial em elaboração.

Como este povo anda nú, não se póde distinguir o rei e os maiores senhores pela excelencia dos vestidos mas somente pelo cabelo e pelas unhas dos dedos. O cabelo do rei é cortado na cabeça como uma corôa e em ambos os polegares ele tráz as unhas compridas, o que fóra dele, ninguem mais póde trazer. Os seus amigos e capitães têm as unhas compridas em todos os dedos, exceto nos polegares, cujas unhas cortam rente para não minguar a honra do rei. Quanto ao mais, é entre eles mais honrado quem tiver as unhas dos dedos mais compridas (9).

---

(9) Os holandêses notaram que, entre os tapuias, ou pelo menos entre os «Janduins», a autoridade do chefe era consideravel, fato que está em oposição com o que geralmente asseveram outros observadores relativamente aos ameríncolas brasileiros. E' isto o que realmente dizem os exploradores modernos das nossas selvas, de Martius a Ehrenreich,, e sobretudo se lê nos relatorios de Steinen, Thurn e Schomburgk, bem como, com ligeira discrepancia, nas cronicas antigas como nos relatos de Staden, Lery, Evreux, etc.

A divergencia entre o autor e os demais observadores parece provir de que aquele somente assistiu com os «tapuias» quando em pé de guerra, fóra das suas terras. Ora, a autoridade dos chefes indigenas brasileiros nos periodos de paz limitava-se apenas a certos casos relacionados com a economia da tribu e com a solução das controvèrsias porventura ocorrentes entre os membros da cabilda. Durante a guerra, pórem, o ar de conselheiro que tinha o chefe no exercicio da sua autoridade transformava-se, tomando efetivamente aspecto imperativo.

Nem Herckman nem os seus patricios se aventuraram a perlustrar o alto sertão de modo a surpreenderem a vida dos indios no seu proprio habitat; viram-nos isoladamente em pequenas turmas como visitantes ou em grande porção, como aliados, em operações belicosas.

Aliás, o nosso autor observa que o chefe, quando os seus guerreiros estão longe do inimigo, não é tão honrado como na iminencia dos combates.

Interessante é a hierarquia governamental e muito curioso o distintivo da autoridade que se esboçava, então, por meio de sináis exteriores, como o modo especial de cortar o cabelo e as unhas.

As regalias do chefe tupi eram insignificantes durante a paz; apenas gozava de certas primazias, como, por exemplo, na mudança da taba, antecedia a todos em tomar o seu rancho; nas refeições, enquanto os demais as faziam accorados. êle poderia fazê-las deitado na sua rede.

Normalmente, os principaís não uzavam insignias; os grandes colares que «Cunhanbêbe» trazia e Staden tomou como distinção de chefia não passavam de simples «borès», ornamento antes que insignia, comum a todos os membros da tribu que o pudessem possuir, como aquele chefe notavel.

Embora apoucada a autoridade individual do chefe, túpis e tapuias guardavam principios gerais, costumes estabelecidos secularmente, concernentes ao direito publico e ao direito privado.

Mas, do que se lê em Herckman parece, contudo, ressaltar o fato notavel de que tinham os «tapuias» o principio de autoridade pessoal bem menos rudimentar do que os seus vizinhos «tupis». «Esta nação é muito submissa ao seu chefe e inteiramente obediente ás suas ordens, sobretudo quando sae com ela a combater o seu inimigo». As insignias de comando, como as descreve o autor, indicam tambem um grau de evolução politica mais avançado do que se notava naqueles. Outros elementos culturais comprovam esta asserção. Como os tupis, possuiam preceitos de direito publico e privado regulando as relações sociais com as tribus aparentadas ou não, com os estrangeiros e sobretudo dentro do proprio ambiente tribal, mais as prescrições relativas á iniciação dos homens, ao casamento, ás obrigações dos homens para com a comunidade e das mulheres casadas, os funerais, o tratamento devído aos velhos, a sucessão hereditaria do govêrno, etc., em muitos pontos, oferecem um requinte desconhecido entre os «tupís» E' verdade que, noutros pontos, ficam aquem da organização social destes. Tudo quanto é relativo á guerra supera nos tupis de maneira absoluta.

Esta gente é mui propria para perseguir o inimigo em fuga, pois todos sem distinção são mui fortes no correr, venceriam um cavalo, e na ocasião da vitoria são mui propensos a matar indistintamente.

Uzam uma arma feita de pau-brasil, plana e aguda de ambos os lados, no meio um pouco grossa e levantada, na frente tem a largura de uma mão grande e é muito penetrante, com a qual arma tocando eles alguem esse não se levantará mais do chão. Uzam tambem de arco e setas, e geralmente de azagaias, com que podem fazer muito dano entre os seus inimigos, porquanto lançam-nas com muito acêrto. Para isso servem-se de umas madeiras leves, que em comprimento fazem iguais a metade das azagais; abrem em ditas madeiras um rêgo, onde colocam as azagaias, e as atiram com tal velocidade que, não encontrando osso, atravessarão o corpo de um homem nú.

Uzam ainda de pequenos machados de mão com uns cabos compridos, como arma contra os seus inimigos.

Das armas dos nossos soldados não fazem caso, dizendo que são obras ou arte do diabo.

Não marcham em ordem, e sim correm em confusão, contudo sabem pôr as suas emboscadas, onde fazem muito mal aos seus inimigos (10).

---

(10) A respeito das armas de que se serviam os «tapuias» e do modo como se comportavam nos combates, o autor nos dá noções dignas de apreço. Lastima-se a omissão que fez dos nomes em lingua indigena dados ás diversas armas que descreve. A clava de pau brasil parece, pela descrição feita, diferente do tacape dos tupis. Realmente, não se trata simplesmente de instrumento contundente como aquele, mas, como refere Wagner, de «pesados espadões de madeira preta», lembrando de certa maneira os grandes sabres ou macanas dos «Incas». Além disto, como se depreende de outros cronistas, empregavam tambem um bastão pesado de madeira tosca, tal como o que serviu no sacrificio do padre Pinto, na Ibiapaba.

Eram habeis no manejo do arco e da flexa bem como no da azagaia que sabiam lançar com grande acerto e maestria, servindo-se de um propulsor de palheta, desconhecido dos tupis com que se avizinhavam e dos Gês.

Tem-se modernamente que o propulsor de palheta, como o tembetá (que os «Cariris» tambem uzavam), a flauta de pan e as cabeças troféos, elementos de origem oceanica, constituem caracteristicos da cultura americano-original e amazonica (Rivet). Parece, pois, que os nossos indios experimentaram a influencia dessa cultura, embora muito remotamente.

As azagaias deviam ser terminadas em ponta de pedra talhada, conforme os modelos de dois excelentes exemplares da nossa coleção, um achado no municipio de Cachoeira e outro no Lugar Cococí, do municipio de Tauá, antigo dominio dos indios «Jucás». O professor Dias da Rocha possue tambem alguns exemplares de ponta de lança encontrados no Ceará, em terras outrora ocupadas pelos tapuias. Pontas de lança semelhantes ás que nos vimos referindo têm sido achadas no sul do Brasil, em São Paulo especialmente, no lugar Capão Alto, perto de Itapetininga. Em geral, os indios brasileiros utilizavam como material para a confecção de ponta de lança os de flexa, não a pedra, porém a madeira dura e rica em silica da taquara.

Levam uma vida inteiramente bestial e descuidosa. Não semeiam, não plantam nem se esforçam, por fazer alguma provisão de viveres (11).

Quando vão a algum lugar na região inferior, fora das suas terras, onde ha gado ou outros animais posto que sejam selvagens e não se deixem apanhar nos bosques, eles podem todavia alcançá-los e atirar-lhes as suas azagaias de modo que os abatem e por então fazem disso seu alimento.

Comem tudo sem guardar cousa alguma para o dia damanhã. Quando estão em lugar onde ha abundancia, um homem deles póde comer tanto quanto 5 ou seis dos nossos; e quando se acham, pelo contrario, em lugares escassos, tambem podem passar 4 ou 5 dias, apertando o ventre com certas cascas de arvore, o que lhes faz esquecer um tando a fome, até que venham a comer outra vez, e então desatam a ligadura de fome.

A gula aos tapuyas é tal que nas suas excursões eles não pódem demorar-se em um lugar mais de 2 ou 3 dias, porquanto, tendo comido tudo o que ha aí, devem ir procurar outros sitios. Por isto eles

---

(11) O autor tem os «Tarairius» como gente errante, sem pouso certo e, portanto, tambem sem agricultura. Todavia, ha documentos de grande valor que se referem ás roças dos «tapuias» nordestinos.

Os vasos de ceramica de grandes dimensões que fabricavam, alguns do porte de um homem, parece, indicam que estes amerincolas não eram tão errantes como em geral se pensa e como pareceu ao cronista flamengo. Por outro lado, mesmo no territorio outrora ocupado pelos «Janduins», tem-se achado vasos de pedra polida e durissima (diorito) cuja confecção devia exigir tempo dilatado, repouso e paz; tal é o exemplar que se póde ver no museu do Arquivo do Estado, nesta Capital, oriundo do municipio do Limoeiro.

De varias procedencias, no largo ambito do antigo dominio dos «tapuias», neste Estado, possuimos objetos liticos ou de ceramica reveladores de um adiantado espirito artistico incompativel com esse nomadismo referido pelo autor. Não se conforma com a vida errante e vagabunda o fato adiante citado por Herckman ao descrever os funerais dos chefes ou pessoas de maior dignidade: «No lugar onde alguma de tais pessoas morre, se põe uma memoria e cada ano se reunem todos aí para fazerem uma oferenda ao diabo». Ora, esta especie de culto aos grandes mortos e o fato de carregarem penosamente em redes os velhos, cuja decrepitude já não lhes permite locomover-se tambem não condizem com a vida errante das tribus.

Ainda uma vez, isto nos faz crer que a asseverativa de Herckman, quanto á falta de pouso certo, provém de que êle e os seus compatriotas não conheceram as terras onde viviam habitualmente os «tapuias», resultando as suas informações do contacto com os indigenas quando em excursões guerreiras, senão de conversas e indagações que não deviam merecer fé absoluta, já pela inexperiencia etnografica do autor, já pela erronea compreensão de certas expressões dos informantes e o proposito destes em ocultar ou disfarçar alguns fatos da vida das tribus, cousas que somente o habito de tratar com os indios, o estudo da sua psicologia e um espirito de observação prevenido e muito apurado permitem perceber.

E' verdade que os habitantes dos sertões nordestinos, batidos por sêcas violentas, são algumas vezes obrigados a mudarem de pouso, isto, porém, era comum aos indios e aos colonos, como ainda se repete nos nossos dias.

não levantam casas a não ser de alguns ramos e para servirem de abrigo contra a chuva ou o sol ardente.

A' noite fazem grandes fogos, ao longo dos quais estendem as suas redes para se aquecer. Quando partem deitam fogo ao acampamento, o que assinala o lugar onde estiveram e serve de fanal a quem os procura (12).

As mulheres são indistintamente pequenas e mais baixas de estatura do que os homens. São tambem de côr atrigueirada, mui bonitas de cara, e trazem compridos os seus cabelos negros. Tambem andam núas, encobrindo todavia as suas vergonhas adeante e atrás, com folhas verdes. São mui serviçais e submissas aos seus maridos em tudo que eles desejam e seja razoavel.

Mas, é de supôr que o fato devia ocorrer tanto mais frequentemente quanto menos prevenido e inculto era o habitante sertanejo. Contudo, essas mudanças não se faziam tão constantes como póde parecer á primeira vista; geralmente deixavam de ser permanentes e nem se operavam através de grandes distancias, como se depreende do estudo que a respeito fizermos, analisando o habitat de muitas tribus durante dilatado espaço de tempo, em alguns casos compreendendo periodos de dois seculos. Com isto não queremos dizer que os ranchos dos «tapuias» fossem permanantes ou ligados á terra por muitos anos. Cada tribu vivia num certo territorio, mais ou menos amplo, dentro do qual as suas aldeias de tempos em tempos mudavam de lugar, como é natural, entre selvagens que tiravam dos produtos naturais da terra a sua principal subsistencia. A vida economica das tribus exigia estes deslocamentos que se não devem confundir com o nomadismo indicado pelo autor. Senão todas, muitas tribus tapuias praticavam uma rudimentar agricultura, fato por nós positivamente verificado em relação a certas hordas do Ceará, como, por exemplo, a dos «Cariús» que habitavam a ribeira que ainda hoje conserva o seu nome. Gabriel Soares diz-nos que os tapuias «Maracás» moravam em aldeias, faziam agricultura e não eram antropofagos. Ora estes «Maracás», pela posição de seu habitat, pelos vestigios da sua ceramica, armas e utensilios, que examinámos, deviam ser «Cariris». Indubitavelmente os Cariris da bacia do rio Itapicurú (Baia), do rio S. Francisco e da serra da Borburema eram agricultores, pois, no seu falar abundam expressões proprias, relativas a esta atividade. De memoria citaremos as seguintes: a um certo bolo de mandioca que preparavam chamavam «warudú», ao beijú dos tupis «warerô», ao milho cozido «cronhahá», ao ralo para reduzir o tuberculo da mandioca «erù», á plantação ou roçado, ao campo cultivado chamavam «bechié», á operação de cessar «woyé», aos legumes em geral «udjé», etc.

Ora, o agricultor não póde ser errante, nomade, vagabundo, sem pouso certo.

---

(12) Por esta passagem de Herckman vê-se que os «tapuias» uzavam redes para dormir, tal como os «tupis» e ao contrario dos Gês. Lembremos que este uzo não se compadece com os miseraveis ranchos a que se refere o autor, sendo pois de crer que êles, nas suas aldeias, possuissem moradas menos rudimentares do que tais pousos ligeiros, proprios para a situação em que se achavam ao alcance da observação dos flamengos, isto é, em pé de guerra, longe das suas terras. Efetivamente, os Kipéas chamavam á casa de «baté», o logar onde se está, onde se mora, a morada.

Não suportam o adulterio e gostam muito da fidelidade (13).

O homem que quer casar-se deverá antes de fazê-lo mostrar que tem um coração verdadeiramente varonil, ou seja por feitos darma contra os inimigos ou em casa provando a sua fôrça pelo fato de percorrer um certo espaço carregando algumas arvores pesadas, para este fim ordenadas.

Uma vez que alguem tenha feito patente a todos que possue essas qualidades varonis, lhe é dada uma mulher com as seguintes ceremonias: abre-se-lhe um buraco em cada uma das faces para se meterem pauzinhos ou ossinhos brancos, semelhando pedaços de cachimbo que se quebrasse, tendo alguns 3, 4, 5 polegadas de comprimento, o que é sinal certo de serem casados ao seu modo.

Os que não trazem esse sinal e todavia atingiram a idade viril, são tidos em pouca estima e consideração. Tambem se permite abrir esses buraquinhos nas faces daqueles quetrazem duas cabeças dos seus inimigos, como prova de os haver matado.

Quando se celebra algum casamento, o rei acha-se presente e ha grandes demonstrações de pranto e gritaria por parte das mulheres e meninos, o que é sinal de jubilo e honra.

Tendo essa festa durado 4-5 dias com as costumadas lamentações e algazarras, é a noiva conduzida ao noivo, á tarde em uma dansa aparelhada, onde eles cantam ao seu modo em voz muito alta, tendo as caras e os corpos ricamente pintadas com tintas de urucú e genipapo.

Além disto, arreiam-se de toda sorte de penas vistosas com que parecem mais um passaro ou um monstro do que um ser humano.

E se alguma cousa falta ainda a esses ornatos, acrescentam mais os corais e os guizos, de sorte que o rumor das suas dansas se ouve ao longe.

---

(13) Afirma o autor que os «tapuias» não suportavam o adulterio das mulheres conquanto fossem poligamos. Wagner o confirma dizendo que eles «abominavam a prostituição», e que a sua lei os autorizava a tomarem quantas mulheres quisessem. Este cronista acrescenta que as mulheres tapuias eram pudicas e recatadas e uzavam uma especie de avental de tecido vegetal com que ocultavam os órgãos sexuais. Herckman observa ainda que elas eram bonitas de cara, muito serviçais e submissas aos seus maridos, qualidades realmente muito dignas de apreciação entre selvagens tidos, por estes mesmos cronistas, comó «gente de todo cega e ignorante, levando vida inteiramente bestial e descuidosa».

Terminados os festejos do primeiro casamento, eles podem tomar as mulheres que quiserem; com tais ceremonias porém não desposam senão a primeira e se desejarem ter ainda uma outra rapariga por mulher o pai não lhe poderá recusar.

E quanto maior é a pessoa maior é o numero de suas mulheres; o rei tem seguramente vinte e cinco (14).

Quando alguma de suas mulheres pare, os maridos tomam ordinariamente outra, e tratam as primeiras quasi como escravas, que lhes devem obedecer carregando a bagagem e as redes para onde eles vão ou partem, e no sitio, onde assentam, são elas que saem a procurar os ramos necessarios para construirem a barraca, sem que eles as auxiliem em cousa alguma. Para não perderem o vigor, os maridos preferem carregar ás vezes uma grande arvore do pêso de 200--300 libras e percorrerem assim um pedaço de caminho, deixando, entretanto, que as mulheres façam o trabalho, pois para isto dizem que elas nasceram (15).

E como não conhecem a Deus nem praticam o culto divino, tambem não sabem o que seja batismo ou circuncisão. Contudo eles uzam uma ceremonia com os meninos. Quando atingem a idade de 7 a 8 anos, os pais os fazem homens, como eles dizem, o que se passa assim.

---

(14) As ceremonias prenupciais e as do proprio casamento eram complicadas e dão lugar a varias observações interessantes que serão objeto de estudos especiais.

---

(15) A situação social da mulher nas tribus guerreiras é sempre condicionada pela constante preocupação da luta; importa não desviar a atenção e as atividades dos homens das perigosas funções de guerreiro. Nas hordas selvagens todos os individuos masculinos validos e de certa idade devem estar aptos para os combates agressivos ou defensivos, as surpresas das lutas inopinadas, as refregas sangrentas de toda a especie. Conquanto os tapuias nordestinos fossem menos belicosos do que os «Tupis», que lhes conquistavam as melhores terras, tinham, aliás como os selvagens em geral, preocupações guerreiras, maximé quando foram surpreendidos pelos conquistadores brancos, inimigos ambiciosos que contra eles se aliaram muitas vezes aos seus contrarios amerindios. Isto explica por que entre os «Tapuias», como entre os «Tupis», as mulheres se ocupavam em trabalhos que, a nós, civilizados, parecem melhor adaptados aos homens.

Reunem-se os amigos com a costumada gritaria, e o mais velho deles levanta o menino e o mantém suspenso, de modo que os outros lhe abram um furo no lobulo ou parte inferior de cada orelha, bem como no labio inferior acima do queixo, onde introduzem uma pedrinha verde, branca, preta ou colorida, e nos buracos das orelhas pauzinhos adrede preparados.

Estes são os sináis de sua virilidade, e em seguida as mulheres fazem a festa com os gritos e lamentações do costume (16).

Se morre algum deles, seja homem ou mulher, em sendo morto, comem-no, dizendo que o finado não póde ser melhor guardado ou enterrado do que em seus corpos, e isto fazem do modo seguinte. Tomam o cadaver, lavam-no e esfregam-no bem, fazem um grande fogo e sobre o chão, acima do qual põem o corpo e deixam-no assar bem. Logo que esteja bem assado, o comem com grande algazarra e lamurias.

Ás vezes não o podem comer todo, então guardam o resto para ocasião oportuna, especialmente os ossos que, depois de queimados, pisados e reduzidos a pó, misturam com a sua farinha e assim comem.

Os amigos (parentes) mais proximos do morto, quer seja homem ou mulher, cortam o cabelo, em sinál de que deploram a morte de seu amigo. O berreiro e as lamentações dos amigos perduram somente até que o cadaver tenha sido devorado.

Quando o rei ou o Comatyn, isto é, o filho do rei, que é quem governa depois do rei, ou algum grão senhor morre, esses tais são comidos somente por suas mulheres, e nenhuma pessoa de baixa condição é recebida para compartilhar desse manjar.

No lugar onde alguma de tais pessoas morre, se põe uma memoria, e cada ano se reunem todos aí para fazerem uma oferenda ao diabo, afim de que sejam seus servidores (do diabo), pois eles o têm por seu Deus. Isto porém não se póde dar com a gente má ou infima.

---

(16) A iniciação masculina dos rapazes, como é descrita pelo autor, não existe entre os «Tupís»; em parte, assemelha-se á dos «Gês» e á de outros povos americanos.

Quando sucede que alguma mulher dá á luz uma criança morta, eles comem igualmente o cadaver, dizendo que não lhes podem dar melhor sepultura do que no corpo donde veio (17).

Os meninos começam a andar quando têm 9 a 10 semanas e, o que é mais de admirar, lançam-se então nagua para aprenderem a nadar, pois eles todos, homens ou mulheres, nadam com perfeição (18).

Em geral atingem a uma idade muito avançada, alguns têm 150, 160 e até 200 anos, de sorte que já não podem andar e devem ser carregados em redes. Contudo são tidos em grande consideração, pois quanto mais velhos se fazem, tanto mais honras lhes tributam, isto é, sendo pessoas do sexo masculino, e não do outro sexo, porquanto, em parindo as mulheres uma ou duas vezes, são tratadas como escravas.

Os tapuyas descem muitas vezes de suas terras para as fronteiras inferiores e os limites do Brasil, o que sucede principalmente quando os estios são secos, e eles não encontram bastante alimento em suas terras; pois eles mesmo consideram as regiões inferiores do Brasil melhores, mais saudaveis e frutiferas do que os lugares onde habitam, que dizem ser rochosos e mal providos de mantimentos. Além

---

(17) Os funerais descritos por Herckman são realmente espantosos. Entretanto, levando-se em conta o atraso da civilização precolombiana do Brasil, o fato dos parentes comerem o cadaver dos entes queridos encerra uma idéa piedosa qual a que tinham eles quando diziam que a melhor sepultura era o proprio corpo donde viera o defunto ou dos que a este estimaram. O contexto da narração deixa claro que esta pratica estranha tinha uma finalidade superior no entender dos aborigenes.

Sobre a veracidade desse fato nenhuma dúvida ha, porquanto è confirmado por outros ilustres cronistas como Wagner, Barlaeus e até pelo missionario luso, o padre Luis Figueira, quando se refere aos «tapuias» que habitavam nas proximidades da serra da Iblapaba, no Ceará: «Tem tãbem pr. costume quando os seus morrem se são homens, as mulheres lhe comem a carne, e os ossos moydos lhos bebem pa. q. não tenhão saudades daqueles que metem nas entranhas». (Relação do Maranhão).

A maneira dos nossos indios manifestarem as suas alegrias e dores por meio de pranto e gritos, lamentações e algazarras não é privativa deles, mas muito generalizada entre os amerincolas. Sobre o assunto, o Sr. George Friederici publicou no «Globus» interessante artigo. A manifestação da alegria ou satisfação com prantos foi denominada «Saudação Lacrimosa» e era muitissimo comum entre «Tupis», na sul America e entre os Sioux, na Norte America, não sendo estranha a outros povos selvagens mesmo fóra do nosso continente, como em certas paragens da Oceania (Nova Zelandia, etc.)

---

(18) E' curioso este habito em terras áridas ou semi-áridas, até mesmo na gente do interior. Sabe-se que os tremembés eram eximios nadadores no mar, levando a sua audacia e maestria ao ponto de prearem tubarões com espeques de madeira. Os habitantes do sertão, sobretudo os que vivem nas margens dos rios maiores, são em geral, ainda hoje, habeis e afoitos nadadores.

disso ha aí abundancia de insetos e sobretudo de cobras grandes e venenosas que medem seguramente 24 pés de comprimento, tendo o corpo coberto de uma certa pele. Elas saltam das rochas de improviso sobre os indios, e mordem nos braços e nas pernas, deixando ficar os dentes nas chagas, a qual dentada é tão venenosa que a vitima morre imediatamente ou ao mais tardar dentro de 4 ou 5 horas. Não obstante ter sido a morte causada por picada de cobra, eles comem o corpo do finado, e não se sentem mal por isso.

Dizem tambem que tem grandes rios em suas terras, onde ha uma sorte de peixe que chamam CARFA, cujo corpo tem a forma de um porco, exceto a cauda que é de peixe. São mui incomodos, quando passam os indios os rios mordem, arrancando-lhes pedaços do corpo, e até o braço ou a perna.

Dizem ainda que em suas terras não ha gado ou animais que sirvam para alimento, salvo os porcos selvagens, dos quais apanham alguma vez em grande. Acrescentam que ás vezes lhes sucede viajar 2 ou 3 dias sem encontrar agua, a não ser a que procede do orvalho da manhã e se junta nos cantos e recantos das pedras.

Tambem se encontra ali um mel tão espesso e branco como leite, eles o tiram das arvores e dele se servem para se alimentarem.

Conhecem e obtêm uma certa raizinha que tem a grossura de uma palha e um pé de comprido, entregam-na ás mulheres para a mastigarem; elas para isto se reunem, e, em sendo a raiz bem mastigada, fazem uma beberragem que chamam CAUWAU em sua lingua, com a qual eles se podem embebedar moderadamente.

Quando estes tapuyas vêm a estas regiões inferiores do Brasil por ordem do seu rei trazem consigo, como sinal do mesmo rei, a alabarda ou partasana que o coronel Artiszeoski lhes deu por parte da Companhia. Vêm ordinariamente como amigo ao

Rio Grande e a estes distritos; mas, indo-se embora, não podem apartar-se sem fazerem mal aos moradores, pelo que se lhes deve dar sempre uma escolta que os conduza até as fronteiras, afim de que não molestem a pessoa alguma.

Recife, 31 de julho de 1639.

Elias Herckman